

Germinal



N.º 14—ANO I
11 de Abril de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.» — ELISEU RECLUS.

Publica-se nos domingos
DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL.—EDITOR, MARIO COSTA.
(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)
Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Peço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

Agua mole...

Se o leitor fôr, como é provável, um português daquêlles a que se costuma chamar *de lei*, arriscamo-nos a passar aos seus olhos por um insupportavel maçador, repisando um assunto debatido e com o qual, de mais a mais, todos estão de acordo. Mas é que nós sabemos que são exactamente as ideias com que toda a gente está de acordo, as que mais esperam para se porem em execução. Eis porque nós vimos, mais uma vez, que não será provavelmente a ultima, falar na necessidade dum entendimento entre todos os elementos chamados avançados, entre os que sofrem por verem o marasmo em que toda a propaganda e acção estão caindo. É possível que alguns camaradas se insurjam contra estas palavras, classificando-as de pessimistas e desanimadoras, entendendo que melhor seria falar-se de maneira diversa, mais optimista e animadora. Mas nós cremos que chegou um momento em que o maior perigo para as ideias que defendemos, o peor serviço que lhes podemos prestar é o de aparentar boas situações que não existem, força de que não dispomos, união que não está realisada, entusiasmo que só se manifesta pela sua esterilidade ou pouco menos.

Mais valem os inconvenientes que porventura contenha a exposição franca da verdadeira situação, do que os beneficios iluzorios que podem advir dum optimismo fun ado em palavras que não traduzem a verdade dos factos. Ha ocasiões em que convem aparentar forças que se não possuem; mas aquella em que nos encontramos reclama outra attitude, mais dolorosa e talvez mais corajosa: a de olharmos de frente para a situação e constatar que ela não é nada brilhante.

Mas é preciso reagirmos contra ela e para isso só ha um meio: procurarmos todos, com boa vontade, o traço de união que nos ligue, nos solidarise em face do perigo ou dos perigos comuns. Esse traço de união só pode estar numa acção bem determinada para se atingir um fim proximo, para a realisação de alguma coisa de concreto, de tangivel. Enquanto se pretender realisar essa união, apenas baseados na necessidade da propaganda de principios, manter-nos-emos em generalidades, na abstracção, na teoria, enquanto o povo, que pretendemos emancipar, continuará sem saber que fazer, embora sabendo de cór as nossas bonitas palavras sobre a Sociedade Futura, a Revolução Social, a Igualdade, a Justiça, e mais todas as outras belas coisas que lhe fornecemos em abundancia, com letra maiuscula.

A sociedade europeia vae entrar numa fase nova da sua existencia, diferente provavelmente daquilo que cada um pensa. Continuando como temos estado até agora, encontrar-nos-emos impotentes para tirarmos da situação futura o que ela possa conter de proveitoso para as nossas aspirações. Continuamos portanto, teimosos e maçadores, a dizer: *entendámo-nos!*

Vera Figner

Vimos num dos ultimos numeros da *Bataille Syndicaliste* a noticia de que Vera Figner, a illustre revolucionaria russa de cuja prisão nos ocupámos, foi restituída á liberdade.

Parece que fôra presa por um equivoco ou coisa semelhante, visto que o ministro do Interior da Russia tinha autorizado a sua entrada no paiz.

Folgamos que assim seja, o que permitirá a Vera Figner passar tranquilla o resto da vida... se as autoridades russas se não arrependem do gesto de agora.

Um inquerito

Os socialistas e a monarchia

Não pretendemos fazer campanha com os *documentos politicos*, contra o partido socialista; apenas quisemos apresentar a prova, que nesses *Documentos* e no que a proposito dêles disseram alguns social-democratas se contém, de que os socialistas tiveram ligações secretas com a monarchia; apenas nos temos dado ao trabalho de demonstrar não só que se deve ter por não escrito o fecho que o actual director do *Combate* pôs a certo inquerito sobre o que se dizia «contra certos homens mais em evidencia no partido socialista, mas tambem que a classe trabalhadora deve continuar com esse inquerito, a fim de saber como teem procedido alguns dos seus mentores, na tarefa de arrancarem do Estado beneficios para ela. Mais nada. Não logramos que os interessados nos prestassem atenção?

Paciencia. Nem por isso deixaremos de alinhar a conclusão, já prometida.

Entre correligionarios

A Comissão paroquial socialista de Monte Pedral e Beato, organizada em março de 1912, referindo-se a certa excursão ao Seixal e Arrentela, escreve no seu relatorio agora vindo a publico:

«Temos a registar a falta de coadjuvação da imprensa partidaria, porque *A Republica Social* para publicar o anuncio desta excursão levou-nos a importancia de 1\$50. Regista-se».

Pois regista-se. Do conhecimento de tais virtudes só proveito podem tirar os trabalhadores.

Adelino Veiga

Alguns amigos e admiradores deste saudoso poeta operario, de Coimbra, pensam em publicar em volume os seus versos dispersos, que não fazem parte da *Lira do Trabalho* e da *Guitarra d'Alma Viva*.

Carta sobre as questões actuais

III

Para vós todas estas razões e tantas outras parecem insufficientes. Quereis saber pelo seguro se esta guerra vai ser *uma guerra libertadora?*

Pois bem, é *impossivel* responder a essa pergunta. Seria preciso primeiro saber de que lado e até que grau estará a victoria.

Sobretudo, seria preciso poder predizer até que ponto os partidos avançados de cada nação saberão aproveitar as mudanças internas que se realisam já durante a guerra, para daí fazerem o ponto de partida de mudanças sociais muito mais profundas. Alguns factos podem citar-se já. É certo que entre os aliados a guerra apaga até certo ponto a situação de classes quer nas trincheiras, quer nas mil coisas que se fazem para a vida interior da nação (abastecimento, serviços sanitarios, cozinhas comunistas, trabalhos sociais, etc.). A introdução do *maximo* dos preços (que em 1793 serviu em França de ponto de partida das ideias sobre a *nacionalisação do commercio*, e mais tarde do *Fourierismo*); a compra pelo Estado e sobretudo pelas comunas, do trigo e assucar (na Inglaterra, de toda a especie de provisões); a intrusão dos particulares no que era considerado função do Estado; na Russia, o papel dos estudantes em todas as funções da vida; a Federação das assembleias provinciais que, de acordo com a Federação das cidades, tomou a seu cargo completamente o imenso serviço dos feridos (contam-se já 750.000 enviados para Moscow), e que o faz pelo voluntariado bem melhor que o Estado; a Russia camponesa forçando o governo a abolir a venda da agua-ardente pelo estado, etc., tudo isto poderiam ser germens para o futuro, mas seria preciso poder predizer até que ponto estes germens poderão ser utilizados pelos partidos avançados para a *reconstrução social*.

Entretanto uma coisa é certa. Se a Alemanha triunfasse a guerra não seria certamente libertadora. Pelo contrario: trar-nos-ia novas formas

de escravidão. Os alemães também, não o ocultam: 'eles próprios declararam que começaram a guerra com fins de conquista. Reduzir a França por muito tempo, à impotência completa, apoderar-se lhe das colónias, enriquecer à sua custa. Fazer o mesmo, tanto quanto possível, com a Inglaterra; reduzir a Rússia à impotência, isto é, construir por toda a parte, nas províncias de que se fossem apoderando, campos entrencheados semelhantes a Metz para ameaçar Petersburgo.

Chetes militares, políticos, oficiais e soldados todos estavam de acordo. E compreende-se o que seria da Europa se estas ambições se realizassem. Mas então impedir semelhantes triunfos, provocar na própria Alemanha, depois da sua derrota, um movimento libertador, desbaratar a Europa desta ameaça, não seria já bastante para dar à guerra um carácter libertador?

Ha mais. Ha pequenas nacionalidades que procuram conquistar a sua independencia. Entretanto esta questão é tão importante que a ela voltarei noutra ocasião.

Em todo o caso o verdadeiro carácter da grandiosa luta actual está já suficientemente determinado. Podemos aprender agora até onde podem chegar criaturas, não de toda brutas e não de todo más por natureza, se educadas, como os alemães, num culto do poder militar. Podemos já formular esta conclusão:

Nenhum desenvolvimento ulterior das tendencias, do ideal e dos costumes de liberdade, igualdade e fraternidade é possível na Europa, enquanto existir entre nós um Estado de setenta milhões de habitantes, no seio do qual os principios e os processos de banditismo militar são desenvolvidos na perfeição, se inculcam na escola e se sancionam pelo respeito quasi religioso de toda a nação, um Estado, cuja população, inclusivamente os seus melhores representantes e os seus partidos mais avançados, aprovam estes principios e estes processos e vê neles o *penhor do seu desenvolvimento ulterior*.

E' preciso que toda a nação alemã seja levada pelos próprios factos a compreender em que abismo de ruína e de enfraquecimento moral a mergulhou a sua civilização, inteiramente votada a fins de conquista.

Pedro Kropotkine.

Brighton, 4 de Outubro de 1914.

Horario de trabalho

Foi publicada na folha oficial de 31 de março uma portaria, prorogando o horario em vigor nas obras de construção civil do Estado em Lisboa até à regulamentação da lei n.º 296, sobre trabalho diario nos estabelecimentos industriaes, e mandando adoptar até então o mesmo horario nos demais serviços de obras publicas dependentes do ministerio do fomento.

Quando a bondade dos outros escede a minha, apresso-me a classificá-la de fraqueza.

P. Rosmilly.

NOTAS LIGEIRAS

Duas dias gasetas que li nestes ultimos dias falam amavelmente do *Fedo Montis*, um drama historico, em verso, de Bento Faria, jornalista libertario doutro tempo. Uma recomenda assim a peça:—quatro actos cheios de poesia e de patriotismo. A outra recomenda assim o autor: um verdadeiro artista, que é patriota na pura accepção do termo. Já sei. Temos obra para a função do proximo 1.º de Dezembro, podendo servir também de preservativo contra o «perigo espanhol». Bem haja o Bento Faria!

Anuncia-se que num proximo congresso será apresentado o boicote dos beligerantes, junto a um movimento insurreccional no velho e no novo continente, como meio eficaz de acabar com a actual guerra europea. Dando mesmo de barato que semelhante ideia entre em discussão, pela porta cauta da sessão secreta, podemos estar certos de que ela não logrará sair dos dominios da retorica brava para as realidades da vida.

A proposito da deserção de Rates, um camarada da velha guarda esteve um destes dias a indicar-me os propagandistas da anarquia, mais ou menos vera, que por falta de posses para mudarem de casaca, apenas teem virado essa vestimenta. A lista é interminavel. Aparecem nela Fulanos das mais diversas estaturas, mas todos da mesma familia das aguias.

O que parece demonstrar que eles vinham ao campo libertario tentar as azas para os seus vãos...

Qualquer.

O congresso de Tomar

Já não pode haver duvidas sobre a excelencia da acção dos sindicalistas no congresso operario de Tomar do ano passado, ás ordens do seu *leader* J. Carlos Rates, hoje de tenda armada no campo monarquico. Este *leader* acaba de pôr tudo em pratos limpos. Ora saboreiem:—«os congressos sindicalistas realizados em Lisboa em 1909 e 1911 definiram como objectivo da organização operaria, a abolição do patronato e do Estado como necessaria à emancipação integral dos trabalhadores»; e isto «não compete ao sindicalismo precisá-lo com clareza».—«O Congresso Nacional Operario realizado em Tomar, em março de 1914, corrigiu os erros dos congressos sindicalistas de 1909 e 1911, estabelecendo que o fim do sindicalismo não era outro senão o da conquista constante da melhoria da situação economica dos trabalhadores». Depois disto, ainda haverá bojo da banda de alguns para darem por paus e por pedras se se lhes repetir que quem venceu em Tomar foi a maioria socialista?

Depois disto ainda continuarão a protestar que não fizeram volte-face?

O Sindicalista

Depois de varias reuniões, onde se estudou a melhor forma de intensificar a propaganda sindicalista e de organização operaria por meio do reaparelhamento do jornal *O Sindicalista*, ficou resolvido não iniciar por enquanto a sua publicação.

Fica esta adiada para quando as circunstancias se mostrarem mais favoraveis.

Accidentes no trabalho

V

Antes de haver a actual lei dos accidentes no trabalho, regulava esta materia apenas o codigo civil fazendo responsabilizar os patrões e as empresas industriaes pelos accidentes ocasionados por virtude de desleixo ou de culpa, por omissão de actos obrigatorios ou pela pratica de actos prohibidos. Não havia portanto responsabilidade nenhuma por parte dessas empresas ou desses patrões quando os accidentes se davam mercê do mero risco profissional.

Quer dizer: Um patrão tinha a sua officina, a sua fabrica, o seu estabelecimento muito bem montados, com todos os aparelhos em bom estado, com todas as possiveis condições de segurança. Sucedia um desastre: a manga duma blusa ficava presa em qualquer engrenagem e essa engrenagem levava a mão ou o braço a um operario; um tirante rebentava inesperadamente e mutilava outro. Não tinha esse patrão a menor responsabilidade, não era obrigado a dar a menor indemnização aos operarios atingidos ou ás familias destes no caso de morte, produzida pelo acidente.

Um empreiteiro ou dono de uma obra em construção mandava erguer os andaimes com boas madeiras e com toda a segurança. Um dia, um dos pedreiros que ali trabalhavam tinha a infelicidade de colocar mal um pé, de se desequilibrar, de cair da altura de alguns metros e de fracturar uma perna ou de morrer. A nada ficava *legalmente* obrigado esse empreiteiro ou esse dono da obra. Se alguma coisa desse seria por... generosidade.

Na lei actual foi introduzido o principio do risco profissional. E assim, hoje já se não dá o caso acima apontado.

Quem tem numa officina, numa fabrica, num estabelecimento qualquer, no campo, em qualquer genero de trabalho, operarios ou trabalhadores ao seu serviço, já sabe que é *obrigado por lei* ao pagamento de maiores ou menores indemnizações a esses trabalhadores, quando sejam mutilados, ou ás suas familias quando eles morram e elas se encontrem em determinadas condições que a lei marca.

Ao lêr isto, ha de pensar quem da lei não tenha conhecimento, que ela deve ser muito bem feita e que os seus resultados devem ser esplendidos. Pensar-se-ha:

«Se a lei responsabilisa assim os proprietarios e industriaes pelo simples facto de o serem, se os obriga a pagar indemnizações áqueles que tem ao seu serviço e que soírem as simples e inevitaveis consequencias do risco, como não responsabilisará ela os patrões ou as empresas

que aos seus operarios não derem a necessaria e obrigatoria segurança no trabalho, os que por desleixo ou por espirito ganancioso e mesquinho favorecerem o risco, os que por incuria, por culpa, pela omissão de actos obrigatorios ou pela pratica de outros prohibidos, agravarem o perigo, aumentarem as probabilidades de accidentes?!

Era logico realmente que assim fosse. Mas não. O unico bom principio introduzido na lei foi o da responsabilidade pelo mero risco. Veremos brevemente as condições em que se encontra legislado.

Quanto á responsabilidade por desleixo e culpa... quanto a essa... a lei nada nos diz, guarda um prudente silencio...

Teremos ocasião de saber porquê. A lei não tem relatório, é certo; a discussão parlamentar nada esclarece, mas o autor do projecto ilumina-nos, tira-nos por completo as duvidas, vem responder aos nossos pontos de interrogação.

E' o que ficaremos sabendo quando chegarmos á conferencia que a respeito do caso do gaz, fez o sr. dr. Estevam de Vasconcelos.

Sobral de Campos.

Dicionario subversivo

C

(Continuação)

CAPITAL—Se esta palavra é derivada de *caput*, *capitis*, cabeça, e designa uma entidade superior para criar e produzir, porque se chama assim ao dinheiro e não ao trabalho?

CAPITAL, SABRE E PADRE—Trindade reaccionária, destruidora do equilibrio e da harmonia na sociedade.

CARGAS—Forma «paternal» por que os governos manifestam o seu desagrado ao povo tumultuoso.

CARIDADE—Virtude cristã que, segundo um escritor, caminha na sombra da injustiça, sua irmã mais velha.

CASAMENTO—Como dizia o outro, é uma asneira tão grande que uma pessoa só não pode fazê-la,—assim escreveu o sr. Brito Camacho em opposição a Rivarol ou lá quem foi que ciciou: é a perfeita comunhão de dois amores. Ao tempo, já Beldemonio lhe havia notado a facha de instituição desacreditada, podendo definir-se assim: associação determinada pelo capricho e destinada a ser rescindida pelo tedio.

(Continua).

Nn.

Se não tivéssemos defeitos, não teríamos tanto prazer em notar os defeitos dos outros.

La Rochefoucauld.

CANCIONEIRO

(A vida para os tristes é desgraça,
A morte para os tristes é ventura.)

(BOCAGE)

UNICA VENTURA

Quem do fado aos baldões andar no mundo,
Sem abrigo, sem lar e sem um norte...
Quem de amigos é falto, mais de sorte
E de Amor desconhecer o góso fundo...

Quem de pais desconhece amor profundo
Mais de filhos, irmãos ou de consorte...
Quem não teve jámais um pulso forte
A guiá-lo na Vida,—charco imundo—...

Quem não teve jámais um Ideal,
Por quem dar seu alento, sua vida...
Quem no mundo encontrou sómente mal,

Dôr e luto,—tristeza desmedida—,
Só deseja, desejo sem igual,
A Morte, a fria Morte e não a Vida.

João Mantua.

PELO BRASIL

guerra europeia preocupa os camaradas brasileiros. — Um comício monstro pro-paz no dia 1 de Maio.

Rio de Janeiro, 16-3-1915.

O Sindicato de Offícios Varios promove uma serie de conferencias sobre sociologia, estando já inscritos: dr. Orlando Correia Lopes, dr. José Oiticica, dr. Teodoro de Magalhães, Astrogildo Pereira e José Martins.

* Os trabalhadores em Trapiche e Cabé venceram na greve contra o «Centro de Cabé» que quiz romper o contrato firmado ha nove anos com a «Resistencia».

* No domingo, 28 do mês passado, o camarada dr. José Oiticica realizou no «Centro Galego», cujo salão foi gentilmente cedido, uma conferencia, em beneficio da revista literaria *A Vida*, sob o tema «O Anarquismo e a Guerra Europeia». Os bilhetes de ingresso tinham o preço de 500 réis, moeda brasileira.

* O estudante de medicina, Francisco Violti realizará em Cruzeiro uma outra conferencia, em beneficio da mesma revista, organizada pelos camaradas daquela cidade. O grupo editor de *A Vida* está organizando um festival em um cinema, em prol da publicação que mantém.

* A Confederação Operaria Brasileira e o Centro de Estudos Sociais do Rio de Janeiro, organizam no proximo dia 1 de Maio um comício monstro pro-paz.

* Acedendo ao convite dos camaradas de Ferrol, a Confederação Operaria Brasileira en-

carregou o camarada Vieytas, que se acha naquele porto espanhol, para o representar no Congresso Internacional que ali se celebrará nos dias 30 de Abril e 1 e 2 de Maio proximo.

* Numa reunião de sindicalistas e anarquistas, o dr. Orlando Correia Lopes, perante uma concorrencia numerosissima, leu o manifesto de Sebastião Faure em favor da paz europeia, manifesto de que o diario burguês *A Epoca* publicou, em primeira pagina, alguns trechos acompanhando-os de um grande retrato do conhecido agitador francês.

Usaram depois da palavra, Astrogildo Pereira e a companheira argentina Juana Buena, falando sobre a necessidade de concitar todos os esforços no sentido de operar a formação de uma corrente contraria á guerra por meio de uma agitação de todos os trabalhadores, tanto da Europa como da America.

Ficou, além disso, combinada uma convocação geral de todos os centros operarios, para estudar os meios de agir em relação á guerra europeia.

Roletas automáticas

Bem faziamos nós em não termos muita confiança nas medidas proibitivas tomadas pela autoridade, a proposito das famosas roletas automaticas, de que nos temos ocupado. Somos informados de que se continua jogando, iludindo a proibição, como era natural acontecer.

Continuamos por isso dizendo: só o operariado consciente do perigo que aquilo representa para os proletarios é que pode pôr cobro á exploração: agindo directamente para a impedir e educando para a evitar.

"GERMINAL"

Tendo unicamente em vista o desenvolvimento da propaganda, sem olharmos ao aumento de trabalho e despesa que dahi nos resultava, ao fim do primeiro mês de vida do periodico, passámos a semanal a sua publicação, que fixáramos de 10 em 10 dias.

Ainda no mesmo intuito, como é vivo o nosso desejo de melhorar o jornal e de lhe alargar a acção, e firme a nossa esperança de que os amigos não deixarão de nos prestar todo o auxilio nos esforços que para isso empregarmos, outras modificações se irão sucedendo, a par de certas ampliações, á medida que o estudo da sua viabilidade se vá completando.

Uma destas modificações, a operar-se muito brevemente, consiste na publicação, em separado, das Figuras da Social. Esta secção do *Germinal*, cujo interesse não precisamos de encaixar neste momento, será assim muito mais completa e corresponderá por isso muito melhor ao proposito com que foi iniciada e ao agrado com que foi recebida pelos leitores.

E' bem de ver que por mais seguros que sejam os nossos calculos, pouco poderemos fazer, se a nossa esperança de auxilio não se for confirmando. Noutro tempo havia aberta nos nossos jornais, para as suas despesas, uma subscrição permanente. Sem renovarmos esse antigo uso — pelo menos, por agora — aqui deixamos expressa a todos os camaradas, a nossa solicitação de auxilio pecuniario aos nossos empreendimentos ou — que o mesmo é — á tarefa de difundir a verdade para a emancipação humana.

Grupo Germinal.

«Na barricada»

Panfleto quinzenal de critica social, do camarada brasileiro Dr. Orlando Correia Lopes.

A ultima mala do Brasil trouxe-nos o primeiro numero de mais uma publicação anarquista que começou no dia 15 do mez passado, a editar-se no Rio de Janeiro. E' sempre um prazer para nós, recebermos a visita de um colega do exterior que se propõe defender os mesmos ideais que sustentamos, pois o sabermos que em outras regiões se trabalha e luta pela mesma causa, serve-nos de liníativo á magua que nos consume ao assistirmos ao abatimento a que todos nos entregamos.

O movimento operario e libertador no Brasil teve já a sua epoca aurea a que sucedeu uma quadra de apatia, de inactividade e de desfalecimentos. Varias iniciativas e elementos novos teem ultimamente surgido, tudo fazendo prever que os nossos amigos brasileiros vão entrar de novo numa fase de trabalho e de propaganda. A' publicação

anarquista *A Vida*, sucede agora o quinzenario social *Na barricada*. O dr. Correia Lopes, seu director, é um dos melhores elementos com que o anarquismo conta no Brasil. Antigo politico — positivista, corrente que se desenvolveu bastante naquele país, grangeou no meio burguês muitas relações que o tinham na maior estima e consideração. Antigo director do *Correio da Noite*, conquistou alem da reputação de jornalista, um publico que admirava as suas ideias positivistas e a sua forma energica de escrever.

Engenheiro e adepto do positivismo, é um homem com vasta cultura, estudioso, inteligente; e investigador como é, conseguiu libertar-se por completo dos dogmas e submissões positivistas, abraçando com convicção, entusiasmo e sinceridade o socialismo libertario. Essa evolução do positivismo para o anarquismo — dadas as qualidades que o distinguem — era forçosa, e áqueles dos camaradas que conhecerem as doutrinas filosoficas, politicas e morais de Augusto Comte não pode parecer extraordinaria a evolução que se opera no espirito brilhante de lucidez e de independencia do nosso irmão em ideias.

Feita a sua profissão de fé anarquista, Orlando Lopes dedicou-se á propaganda verbal e escrita, grangeando pelo seu proceder, de uma correção integra, a confiança dos libertarios brasileiros.

Pelo prestigio e relações que no seu passado adquiriu — pela sua cultura, pela sua actividade e energia, e ainda pela independencia que os seus meios de fortuna lhe permitem, Orlando Correia Lopes é um elemento valioso nas nossas fileiras.

Eis o autor, o redactor-unico do panfleto de critica social *Na barricada*, cuja leitura nos impressionou agradavelmente.

P. Q.

Não me admiro de haver quem não queira trabalhar; do que me admiro é que haja gente que trabalha para sustentar radios.

J. Grave-

Accion Libertária

Do grupo editor deste nosso presado colega de Gijon, recebemos uma comunicação, em que nos dizem que o jornal não apareceu duas semanas seguidas, em virtude de dois dos camaradas da redação se encontrarem presos, e por varios impedimentos de trabalho na respectiva tipografia.

O motivo da prisão daqueles camaradas foi o movimento de protesto contra os atropellos cometidos pelos serenos de Gijon. Os nossos camaradas já estão em liberdade e talvez já esta semana a Accion Libertaria se publique.

Sacudamos primeiramente o torpor dos desherdados, illumine-mos a sua consciencia. O bom senso ou a cobardia dos privilegiados fará o resto.

E. Gautier.

Vozes do passado

Palavras dum mestre

Estais em desacordo comigo, porque eu, longe de ser um «toltoiano», creio no uso eventual da força. Eis em que condições: nas de defeza do fraco. Vejo um gato que é torturado, uma creança em quem batem, uma mulher maltratada; se eu sou bastante forte para o impedir, impedi-lo-ei. Devo-o a todos os fracos para que sejam respeitados. Mas objetar-me-eis: «Se se admite a força como meio de suprimir a força, quem decidirá da oportunidade do seu emprego?»

Quem? Eu, evidentemente, porque sou um ente consciente.

E' a mim, e na minha conduta, que compete saber exatamente onde termina a defeza sob o ponto de vista da solidariedade humana, e onde começa a vingança. E' ahí que eu devo parar; é então que começaria a reacção. Mas ser o mais forte e usar da sua força para fazer falar o amor, tal é a conduta moral do anarquista.

Quando Ardjouna, tendo vencido o seu inimigo, lhe diz que se erga, com estas palavras: «Vae e faze o bem,» eu sinto que ele também fez o bem e desejo imitá-lo.

Elisée Reclus.

(Carta a Karl Heath, de Bruxellas em 31 de Março de 1900)

Respigando

Final de um artigo de *Tierra y Libertad*, (24-3-915) intitulado *Algo por cuenta nuestra*:

«Si tuviéramos la duda siquiera de que en esta opinión no abundan la mayoría de los anarquistas, dejaríamos de laborar en esta hoja, para nosotros tan querida, y no haríamos de ella trinchera para defendernos; pero mientras, como hasta la fecha, continúan alentándonos en nuestra campaña, diremos que en la actual conflagración europea todos los Estados son igualmente culpables, porque todos, incluso Bélgica, estaban igualmente preparados.»

Assim mesmo, com italicos e tudo. Aquela opinião, que se não defenderia se se estivesse em minoria, é, como o leitor já percebeu, a que condena as bem conhecidas *diviaciones e claudicaciones* de anarquistas.

No mesmo jornal, em artigo de V. Garcia, e também com os competentes italicos:

«De los anarquistas españoles que han pretendido defender la participación, uno solo, según él me escribió hace años, conoce el francés, y si ha estado en Francia no lo ha hecho como obrero. Los demás ni han pasado los Pirineos ni saben una palabra de francés.»

Se comprenderá que de compañeros *tan bien informados y tan seguros de sus afirmaciones*, aun admitiendo la buena fé, no podemos ni debemos fiarnos.

Esta opinião é compartilhada por outros, opinião que, em *Accion Libertaria*, Chueca teve a paciência de combater... a sério.

O que nossos olhos teem lido!

Na *Aurora* (21-3-915, artigo de fundo).

«Grave encara apenas a autoridade moral conquistada por aqueles que compartilham a luta; mas não se lembrou nem se lembrará por certo de argumentar com a força material à disposição dos que estão dentro das organizações militares e administrativas—argumento dúbio e perigoso,» etc.

O qual argumento dúbio e perigoso fôra por nós empregado no *Germinal*, uma semana antes; mas...

Bataille Syndicaliste, (5-4-915, art. de J. Grave).

«O que é preciso fazer compreender ao povo (entre varias coisas que Grave enumera) é que ele deve aproveitar-se de estar com as armas na mão para se fazer ouvir por sua vez.»

Como se vê, Grave lembrou-se do argumento dúbio, pelo que diz respeito à força militar.

Quanto à parte administrativa, não sabemos o que pensa; mas sabemos que a *Aurora*, num numero atrazado, achava legitima, e portanto nada perigosa, a pratica daquele dúbio argumento.

Amarus.

A' volta do mundo

Quarta, 31. — *Espanha* — Na provincia de Badajoz continuam os motins por causa da carestia dos generos. — Na provincia de Cordova agrava-se a crise operaria.

Quinta, 1 de abril — *Portugal* — Em Lisboa ha enorme concorrência aos templos catolicos... e também ás confeitarias e animatografos.

Sexta, 2. — *Portugal* — Por motivo da chamada procissão do Enterro, dão-se nas Caldas da Rainha graves tumultos. São disparados tiros, lançadas bombas, e assaltadas a farmacia de um membro do partido democratico, a casa do farmaceutico e a redacção de um semanario desse partido.

— Bandos de camponeses armados entram em Vila Rial de Trás-os-Montes, dirigidos contra democraticos.

Sab., 3. — *Italia* — A favor e contra a guerra dão-se em Milão manifestações de que resultam muitos feridos e muitos presos.

Dom., 4. — *Espanha* — Grandiosa manifestação em Huelva, pedindo o barateamento dos generos de primeira necessidade.

— Termina a greve dos operarios dos caminhos de ferro, de Guadalajara.

— *Italia* — Motins em Anzio.

— *Austria-Hungria* — Diz-se que os caracteristicos da situação neste país são: insubordinações, desordens, epidemias e fome.

Uma restituição

Devido ás suas constantes instancias junto do governador civil, a União dos Sindicatos Operarios tomou, ha dias, posse do mobiliario, documentos e mais haveres que lhe pertenciam e que estavam em poder do administrador do 3.º bairro, desde o encerramento da Casa Sindical.

Não ha no mundo senão uma obra digna de um homem: a propaganda duma verdade á qual ele se entrega e na qual cre.

H. Taine.

A falencia politica

«Já não tem Portugal á frente do seu governo um testa coroadada, corrompido e corruptor; ao contrario, á testa dos destinos da Republica está um ancião austero e respeitavel pelo seu passado e pelos seus serviços á causa republicana, a que se devotou desde a sua mocidade.

Mas, se assim é (e na verdade assim é); si os homens da Republica são mais austeros e sabios que os da Monarquia: si se dizem mais amantes da liberdade e do progresso, e si, como a Monarquia, a Republica também falio; a conclusão a tirar é que o que está condenado é o regimen politico qualquer que elle seja, desde que se baseie na actual organização economica da sociedade.

Não é possível que na Monarquia só subissem ás altas posições da politica e da administração os perversos e os ignorantes; também ninguém acreditará que só tenham dirigido a Republica os homens maus de Portugal. O que é preciso concluir é que o que não presta e está já condenado é o regimen politico, monarchico ou republicano. Ponham anjos no governo, qualquer que seja o regimen e taes anjos passarão a ser demônios.

Governo quer dizer monopolio, privilegio, opressão, tirania, exploração e exploração.

Qual, então o remedio para Portugal? perguntarão.

Por certo que não será a continuação da Republica e muito menos a volta da Monarquia. A solução, quem a vio foram os trabalhadores, a quem os republicanos da propaganda prometeram o que não podiam fazer, isto é a transformação economica da sociedade.»

(Final de um artigo sobre a Republica Portuguesa, publicado na revista brasileira, *Na Barricada*.)

PUBLICAÇÕES

O Reivindicador. — Com este titulo, começou a publicar-se no Porto, um quinzenario operario de critica social dedicado aos officiais de barbeiro, portugueses.

No seu primeiro artigo declara: — «O Reivindicador» aparece hoje para, com calor, com verdade e com justiça defender os interesses economicos e sociais da classe dos officiais de barbeiro portugueses e de todas as classes trabalhadoras em geral... Para a defeza da luta de classes, só para isso e para mais nada appareceu este jornal.» Saudamo-lo.

O Terrorismo em França — (De 1891 a 1894) — Com o titulo que serve de epigrafe a esta noticia, iniciará no proximo 1.º de maio em Lisboa, a Biblioteca «A Mundial», a publicação, em tomos de 64 paginas, ao preço de 100 reis, deste interessantissimo trabalho devido á pena de Henri Varennes.

O Terrorismo em França, que em Paris foi publicado com o titulo *De Ravachol a Caserio*, é o mais importante trabalho que até hoje se tem publicado a respeito do movimento anarquista terrorista em França, não só pela abundancia de documentos que encerra, como fórma imparcial como os factos são expostos.

Com toda a franqueza não vemos o

motivo ou necessidade da mudança de titulo e ainda menos a acoção do que foi escolhido, que compense vago e confuso *Terrorismo em França*.

Os pedidos de assinatura devem ser enviados á Biblioteca «A Mundial» R. dos Poiaes de S. Bento, 91 Lisboa.

VIDA ASSOCIATIVA

União dos Sindicatos Operarios (Lisboa). — Na reunião de 29 de março foi aprovada a seguinte moção:

«Considerando que as tombolas mecanicas, que estão em varios estabelecimentos, são uma armadilha á ferida dos trabalhadores: considerando que á sombra dessas maquinas se pretende fazer reclame de varias instituições que se dizem de beneficência e caridade e mantida pelos trabalhadores por uma forma tão ignobil e traizceira, pois que geralmente os incautos jogadores ficam sem a sua ferida, determinando depois a fome em suas casas; a União dos Sindicatos operarios, resolve protestar contra o funcionamento de taes aparelhos, fazendo uma activa propaganda tendente ao seu desaparecimento; e lamenta que haja associações operarias que tomem a defeza de tais aparelhos.»

Federação da Construção Civil (Lisboa). — Na reunião de 31 de março tomou-se conhecimento da entrevista havida com o governador civil e com o chefe do governo, ficando assente que o horario das 8 horas seja extensivo a todas as obras do Estado. No periodo de verão, em Lisboa o horario é de 9 horas e meia, estando disso avisados todos os operarios da construção civil.

Sindicato Ferroviario (Lisboa). — Como dissemos, realisa-se a festa da inauguração da nova sede deste sindicato, na rua do Arco do Marquês d'Alegrete n.º 30, 2.º.

O programa é o seguinte: Alvorada ás 8 h.; ás 13 h., sessão solene; das 16 h. ás 18, concerto musical; ás 20 h; sessão de propaganda.

No proximo dia 18, este mesmo sindicato comemora o seu aniversario com sessão solene ás 15 h., concerto musical das 17 h. ás 19, e uma conferencia pelo dr. Campos Lima, ás 20 h.

União dos Sindicatos Operarios de Lisboa — Reune amanhã, 12, ás 20 horas, a assembleia geral de delegados, para lhe ser presente o trabalho da comissão nomeada na ultima assembleia, trabalho tendente a determinar qual deve ser a ação da União dos Sindicatos Operarios perante o 1.º de Maio.

Tambem nesta assembleia se deve, resolver se esta União enviará ou não um delegado ao Congresso Internacional de 1.º de maio, e para o que foi officiado a todas as associações aderentes para que os seus delegados não falem á assembleia.

Em proveito do "Germinal"

Foram-nos oferecidos

e encontram-se á venda na nossa administração as seguintes publicações:

- A Anarquia, por E. Malatesta (2.ª edição)... 5 cent.
- Le Saliariat, por P. Kropotkine..... 2 "
- Organisation, Initiative, Cohésion, por J. Grave..... 2 "
- Le Parlamentarisme contre l'action directe, por A. Girard e M. Pierrot..... 2 "